



# A MORTE DA TERRA

J.H. ROSNY Aîné

Tradução Julia da Rosa Simões  
Ilustrações Rodrigo Rosa

MANUAL DO  
PROFESSOR





"SE EU PUDESSE ESCOLHER UM  
ÚNICO LIVRO PARA SALVAR, ELE  
SERIA *A MORTE DA TERRA.*"

J. H. ROSNY Aîné



# A MORTE DA TERRA

J.H. ROSNY Aîné

Tradução Julia da Rosa Simões

Ilustrações Rodrigo Rosa

Prefácio Mia Couto

Posfácio Eduardo Bueno



Título original: La Mort de la Terre

Textos: J. H. Rosny Aîné

Ilustrações: Rodrigo Rosa

Tradução: Julia da Rosa Simões



Texto do prefácio: Mia Couto

Texto do posfácio: Eduardo Bueno

Capa e projeto gráfico: Patricia Sartori

Diagramação: Marina Ferreira

Revisão: Simone Ceré

Paratexto: Paula Taitelbaum

144 páginas, 13,5 cm x 20,5 cm

© Editora Piu, 2021

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Piu

Contato: editorapiu@editorapiu.com.br

1ª Edição – Impresso no Brasil

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ainé, J. H. Rosny, 1856-1940

A morte da Terra / J. H. Rosny Aîné ; tradução de Julia da Rosa Simões ; ilustrações de Rodrigo Rosa.

-- Porto Alegre : Editora Piu, 2021.

Título original: La Mort de la Terre

ISBN 978-65-991622-9-9 (Livro do Estudante)

ISBN 978-65-89241-00-3 (Manual do Professor)

I. Ficção belga (Francês) 2. Ficção científica I. Rosa, Rodrigo. II. Título.

21-57289

CDD-843

---

### Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura belga em francês 843

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

# ÍNDIX

## Prefácio

ANTES DE TUDO por Mia Couto	7
-----------------------------	---

## Capítulos

1 PALAVRAS AO VENTO	10
2 RUMO ÀS TERRAS VERMELHAS	25
3 O PLANETA ASSASSINO	37
4 NAS PROFUNDEZAS DA TERRA	43
5 NO FUNDO DO ABISMO	52
6 OS FERROMAGNETOS	57
7 ÁGUA, A MÃE DA VIDA	61
8 E SÓ RESTARAM AS TERRAS VERMELHAS	67
9 A ÁGUA FUGIDIA	72
10 UM LEVE TREMOR	78
11 OS FUGITIVOS	83
12 OS OÁSIS EQUATORIAIS	88
13 A TRÉGUA	94
14 A EUTANÁSIA	97
15 O SUMIÇO	107
16 NA NOITE ETERNA	113

## Posfácio

O CRIADOR DE MUNDOS por Eduardo Bueno	123
---------------------------------------	-----

UM MERGULHO MAIS PROFUNDO - Contextualização do autor, da obra e do gênero	129
--	-----



# ANTES DE TUDO

Mia Couto  
Escritor e biólogo moçambicano

A TERRA PODE MORRER. A Humanidade pode desaparecer. O Futuro não é um tempo garantido. Estes são avisos que nos chegam a partir de vozes que povoam este livro. São vozes de gente estranha com nomes estranhos. Vozes que parecem distantes no tempo. Mas que são vozes nossas, que habitam o nosso tempo presente e que carregam temores que são bem atuais.

Todos estes avisos não parecem trazer nada de novo. São hoje óbvios, alvo da mais insistente repetição (apesar da resistência dos que não querem ver nem ouvir). É preciso, contudo, pensar que estamos perante uma obra que foi escrita há mais de um século. O autor, Rosny Aîné, escreveu esta novela em completa contracorrente de certo triunfalismo que então reinava. Nessa altura dominava uma consensual e positivista celebração da ciência e da técnica como formas de impor o domínio humano sobre o universo. Tudo corria bem, a Terra e a Vida obedeciam aos desígnios humanos, e o futuro estava feito à nossa medida. “A morte da Terra” era uma pedrada no charco do otimismo.

Nesta história, existe uma intenção clara de descentrar o Homem. Não apenas num destino que lhe escapa, mas porque se escutam outros que, em outros casos, não passam de cenário.

Aqui, as aves são mensageiras, a Terra fala por via dos sistemas, a água canta por via da sua própria ausência. E os homens assumem de modo singular a sua vulnerabilidade.

Sabem que não são nem os donos nem o centro do mundo. Outras criaturas disputam a governação de um mundo em decadência. Na aparência, esta é mais uma obra do género a que se convencionou chamar de “ficção científica”. Mais do que tudo, porém, trata-se de uma reflexão desapiedada sobre o lugar e o destino da espécie humana num universo cuja totalidade não saberemos nunca pensar.

*A Morte da Terra* é, afinal, uma história sobre a nossa própria fragilidade. O cenário absolutamente desolador — mesmo que

construído como uma prodigiosa imaginação — apresenta-se hoje como um futuro possível da humanidade. Os personagens sobrevivem em dispersos oásis, e esses oásis parecem também condenados. Em volta é um infinito deserto abalado por poderosos sismos que as aves sabem prever. Este deserto não é o resultado do delírio criativo de um escritor francês. Este deserto poderá ser a paisagem que nos resta se continuarmos a fechar os olhos perante os evidentes sinais de um planeta profundamente agredido. Não necessitamos de inimigos exteriores nem dos maléficos “ferromagnetos” com que Rosny Aîné povoa esta história. Dentro de nós temos inimigos que bastam. E “acima” de nós subsiste a conveniente cegueira dos que conduzem os destinos das nações.

Não creio que Rosny desejasse ser o autor de uma profecia apocalíptica. *A Morte da Terra* apresenta-se como uma simples história, redigida com um brilho e talento inigualáveis. O autor acreditaria realmente nessa anunciada morte cósmica?

Sabemos das suas hesitações. Numa primeira versão, o escritor terminava o livro assim de modo que, digamos, corresponde ao tom do título. Depois, numa versão posterior, como se entendesse salvar a sua própria esperança, o escritor acrescentou uma derradeira frase.

Esta obra é um apelo à perseverança, à entrega aos outros, à solidariedade entre fortes e fracos, pequenos e grandes, os de fora e os de dentro. Contra as ameaças de um fim de mundo, contra as forças que são sempre maiores que o entendimento, contra tudo isso só o amor, a verdade e a solidariedade podem salvar este planeta. Esse planeta que não é apenas a nossa casa. Mas que somos nós mesmos.

PALAVRAS  
AO  
VENTO

CAPÍTULO I

O TERRÍVEL VENTO NORTE estava calado. Sua voz funesta havia enchido o oásis de medo e tristeza por quinze dias. Quebra-ventos e estufas de sílica elástica tinham sido instalados. O oásis finalmente começava a esquentar.

Targ, o vigia do Grande Planetário, sentiu uma alegria súbita, como a que iluminava a vida dos homens nas divinas eras da Água. As plantas continuavam belas! Elas levavam Targ de volta ao início dos tempos, quando os oceanos cobriam três quartos do planeta, quando o homem vivia rodeado de fontes, rios, riachos, lagos e pântanos. Quanto frescor animava as inúmeras espécies de vegetais e animais! A vida fervilhava nas profundezas dos mares. Havia pradarias de musgos e campos de algas, e também florestas e savanas. Um futuro imenso se abria diante dos seres vivos; o homem mal pressentia a existência de longínquos descendentes que tremeriam à espera do fim do mundo. Alguma vez teria imaginado que a agonia duraria mais de cem milênios?

Targ ergueu os olhos para o céu, onde nunca mais se veriam nuvens. A manhã ainda estava amena, mas ao meio-dia o calor tórrido do oásis seria insuportável.

— A colheita está próxima! — murmurou o vigia.

Seu rosto, de olhos e cabelos mais pretos que o carvão, era moreno. Como todos os Últimos Humanos, tinha o peito amplo e o ventre magro. As mãos eram finas, as mandíbulas pequenas, os membros revelavam mais agilidade do que força. A roupa que usava, de fibras minerais, tão macia e quente quanto as antigas lãs, ajustava-se perfeitamente ao corpo; de sua pessoa emanava uma graça resignada e um encanto receoso, acentuados pela face estreita e pelo fogo sonhador das pupilas.

Contemplou demoradamente um campo alto de cereais, retângulos de árvores com muitos frutos e folhas, e disse:

— Tempos sagrados aqueles, de auroras prodigiosas, em que as plantas cobriam o jovem planeta!



O Grande Planetário ficava nos limites do oásis com o deserto, por isso Targ podia vislumbrar a sinistra paisagem de granitos, sílicas e metais, a planície desolada que se estendia até os contrafortes das montanhas nuas, sem geleiras, sem fontes, sem um talo de grama ou placa de líquen. No meio daquele deserto mortal, o oásis, com suas plantações retilíneas e construções metálicas, formava uma mancha minúscula.

Targ sentiu o peso da vasta solidão e dos montes implacáveis; ergueu melancolicamente a cabeça para a cúpula do Grande Planetário, que apontava sua boca sulfúrea para a base das montanhas. Feita de arcum e sensível como uma retina, ela recebia as ondas do horizonte, produzidas pelos outros oásis, e, conforme sua configuração, apagava aquelas a que o vigia não devia responder.

Targ a admirava como um símbolo das raras aventuras ainda possíveis ao ser humano; quando ficava triste, virava-se para ela à espera de coragem ou esperança.

Uma voz o fez voltar a si. Com um fraco sorriso, abanou para uma jovem de porte gracioso subindo a plataforma. Ela tinha os cabelos escuros, soltos; seu tronco ondulava, flexível como a longa haste dos cereais. O vigia contemplou-a com amor. Arva era sua irmã, a única pessoa com quem compartilhava momentos fugazes, imprevistos e encantadores, em que algumas energias, envoltas em mistério, ainda pareciam zelar pela salvação da humanidade.

Ela exclamou, com um riso contido:

— O tempo está bom, Targ... As plantas estão felizes!

Arva aspirou o cheiro reconfortante da polpa verde das folhas; o fogo negro de seus olhos palpitava. Três pássaros planaram acima das árvores e pousaram no parapeito da plataforma. Tinham o tamanho dos antigos condores, formas tão puras quanto as dos corpos femininos, imensas asas de prata, gélidas

como a ametista, que emitiam uma luz violeta nas pontas. Suas cabeças eram grandes, os bicos muito curtos e flexíveis, vermelhos como lábios; a expressão de seus olhos lembrava a expressão humana. Um deles, erguendo a cabeça, emitiu sons articulados. Targ pegou a mão de Arva, preocupado.

— Ouviu? — perguntou. — A terra tremeu...!

Embora fizesse muito tempo que nenhum oásis era devastado por abalos sísmicos e a amplitude destes tivesse diminuído bastante desde a era sinistra em que haviam esfacelado o poder humano, Arva sentiu a mesma angústia do irmão.

Um pensamento estranho passou-lhe pela cabeça:

— Quem sabe os tremores de terra, depois de causar tanto mal a nossos irmãos, não se tornam mais favoráveis?

— Mas como? — perguntou Targ, indulgente.

— Fazendo reaparecer uma parte das águas!

Ele havia sonhado com isso várias vezes. Nunca ousara contar seus sonhos a ninguém, pois uma ideia como aquela teria soado estúpida e quase sem sentido a uma humanidade decaída, que temia insurreições planetárias.

— Pensei o mesmo! — ele exclamou, empolgado. — Não conte nada aos outros! Ficariam ofendidos até o fundo de suas almas!

— Só falo essas coisas com você.

Bandos de pássaros brancos surgiram de todos os lados: os que alcançaram Targ e Arva piavam com impaciência. O rapaz falou com eles, empregando uma sintaxe particular, pois os pássaros, com o desenvolvimento gradual de suas inteligências, tinham se iniciado na linguagem — uma linguagem que só empregava termos concretos e frases-imagens.

A noção que tinham de futuro era obscura e limitada, faziam previsões instintivas. Depois que o homem deixara de utilizá-los como alimento, viviam felizes, incapazes de conceber a própria morte e, menos ainda, o fim da própria espécie.

O oásis criava cerca de 1200 pássaros, de presença muito agradável e extremamente útil. Nas condições atuais do ambiente, o homem, não tendo conseguido recuperar seus instintos, perdidos durante as eras de seu poder, via-se diante de fenômenos que os delicados aparelhos herdados dos ancestrais não conseguiam captar, mas que eram previstos pelos pássaros. Se estes, último vestígio da vida animal, desaparecessem, uma desolação ainda maior se abateria sobre todas as almas.

— O perigo não é imediato — murmurou Targ.

Um rumor percorria o oásis. Homens surgiam nos arredores das casas e plantações. Um sujeito atarracado, que parecia ter o enorme crânio pousado diretamente sobre os ombros, chegava ao Grande Planetário. Arregalava os olhos opacos e vazios num rosto cor de iodo; suas mãos, chatas e retangulares, pendiam dos braços curtos.

— Veremos o fim do mundo! — ele grunhiu. — Seremos a última geração de homens.

Atrás dele, ouviu-se uma risada cavernosa. Dane, o centenário ancião, apareceu ao lado do bisneto e de uma mulher de olhos puxados e cabelos cor de bronze, que caminhava com a leveza dos pássaros.

— Não, não o veremos — ela afirmou. — A morte dos homens será lenta... A água desaparecerá até que restem apenas algumas famílias em torno de um poço. E será ainda mais terrível.

— Veremos o fim do mundo! — insistiu o homem atarracado.

— Tanto melhor! — disse o bisneto de Dane. — Que a terra beba hoje mesmo suas últimas fontes!

Seu rosto sinuoso, muito fino, revelava uma tristeza sem fim; ele mesmo se espantava de continuar vivo.

— Quem sabe ainda não resta alguma esperança! — murmurou o ancião.

O coração de Targ bateu mais rápido, seus olhos encararam o velho Dane com um brilho juvenil.

— Oh, sim! — ele exclamou.

Mas o rosto do ancião já se imobilizara num taciturno devaneio que o fazia parecer um bloco de basalto. Targ guardou seus pensamentos para si.

A multidão se adensava nos limites do deserto com o oásis. Alguns planadores se elevaram, vindos do centro. Era a época em que o trabalho não exigia muito dos homens, que somente esperavam o amadurecimento da colheita. Pois nenhum inseto ou micróbio sobrevivera. Refugiados em terras exíguas, fora das quais qualquer vida “protoplasmática” era impossível, os antepassados haviam travado uma luta eficaz contra os parasitas. Nem mesmo os organismos microscópicos tinham conseguido sobreviver, privados dos imprevistos resultantes das densas aglomerações, dos grandes espaços, das transformações e dos deslocamentos constantes.

Além disso, senhores da distribuição de água, os homens dispunham de um poder implacável contra os seres que quisessem destruir. A ausência dos antigos animais domésticos e selvagens, transmissores constantes de epidemias, havia apressado a hora da vitória. Agora, homens, pássaros e plantas estavam para sempre livres das doenças infecciosas.

Mas nem por isso suas vidas eram mais longas: os micróbios benéficos também haviam desaparecido, provocando o desenvolvimento de enfermidades próprias à máquina humana e o surgimento de novas doenças, que pareciam causadas por “micróbios minerais”. Assim, o homem encontrara dentro dele inimigos semelhantes aos que antes o haviam ameaçado do lado de fora, e, portanto, o corpo raramente chegava a uma idade muito avançada, o que fazia com que o casamento se tornasse um privilégio dos mais aptos.

Várias centenas de homens se reuniam em torno do Grande Planetário. Um leve burburinho se fazia ouvir; a tradição do infortúnio se transmitia havia demasiadas gerações para não ter exaurido as reservas de medo e dor, que são a contrapartida das alegrias possantes e das grandes esperanças. Os Últimos Humanos tinham uma sensibilidade limitada e quase nenhuma imaginação.

No entanto, a multidão estava inquieta, alguns rostos se crispavam. Houve um alívio generalizado quando um quadragenário, saltando de uma motriz, gritou:

— Os aparelhos sísmicos ainda não registraram nada... O tremor será fraco.

— Por que tanta preocupação? — exclamou uma mulher de olhos amendoados. — O que podemos fazer e prever? Todas as medidas já foram tomadas, há séculos e séculos! Estamos à mercê do desconhecido: é uma enorme tolice tentar compreender um perigo inevitável!

— Não, Helê — respondeu o quadragenário —, não é uma tolice, estamos falando de nossas vidas. Enquanto os homens tiverem forças para se preocupar, seus dias ainda terão alguma doçura. Depois disso, estarão mortos ao nascer.

— Que assim seja! — zombou o bisneto de Dane. — Nossas miseráveis alegrias e nossas débeis tristezas valem menos que a morte.

O quadragenário meneou a cabeça. Como Targ e a irmã, ainda tinha a alma voltada para o futuro e o peito largo repleto de força. Quando seus olhos encontraram o olhar fresco de Arva, uma ligeira emoção acelerou sua respiração.

Enquanto isso, outros grupos se reuniam nos diversos setores da periferia. Graças aos ondíferos, dispostos a cada mil metros, esses grupos se comunicavam livremente.

Era possível ouvir, à vontade, os rumores de um distrito ou

mesmo de toda a população. Essa conexão aproximava a multidão, agindo como um estimulante energético. E houve uma espécie de aflição quando uma mensagem do oásis Terras Vermelhas vibrou na cúpula do Grande Planetário e ecoou de ondífero em ondífero. Ela informava que pássaros e sismógrafos anunciavam tremores subterrâneos. A confirmação do perigo fez os grupos se retraírem.

Manô, o quadragenário, subiu para a plataforma. Targ e Arva estavam pálidos. Como a jovem tremia um pouco, o recém-chegado murmurou:

— O fato de existirem poucos oásis, todos de tamanho reduzido, deve nos tranquilizar. É muito baixa a probabilidade de que todos estejam em zonas de perigo.

— No passado — enfatizou Targ —, foi exatamente isso que os salvou!

O bisneto de Dane ouviu-o e soltou uma risada sinistra:

— Como se as zonas sísmicas não variassem de época para época! Um único tremor, pequeno mas certo, não bastaria para secar as fontes?

E se afastou, com amarga ironia. Targ, Arva e Manô estremeeceram, taciturnos. Depois de um minuto, Manô retomou:

— Essas zonas variam com extrema lentidão. Faz duzentos anos que os fortes tremores passam ao largo do deserto. Suas repercussões não alteraram as fontes. Somente os oásis Terras Vermelhas, Devastação e Ocidental são vizinhos das zonas de perigo...

Ele olhava para Arva com um doce encanto, onde brotava a flor do amor. Viúvo havia três anos, sofria com a solidão. Embora naturalmente enérgico e afetuoso, conformara-se com sua condição. As leis determinavam com rigor o número de uniões e nascimentos.

Havia poucas semanas, porém, o Conselho dos Quinze

inscrevera Manô entre os que podiam voltar a formar família: a saúde de seus filhos justificava esse favor. A imagem de Arva mais uma vez reacendia a chama da alma de Manô.

— Tenhamos esperança! — ele exclamou. — Mesmo nas maravilhosas épocas da Água, a morte de cada homem não era para ele o fim do mundo? Os que vivem neste momento sobre a Terra correm muito menos riscos, individualmente, do que nossos antepassados antes da era radioativa!

Falava com firmeza: sempre rejeitara a lúgubre resignação que assolava seus semelhantes. Um remoto traço hereditário lhe permitia fugir dela, ainda que apenas ocasionalmente. Mais do que qualquer outro, havia conhecido a alegria de viver o fulgurante aqui e agora.

Arva o ouvia com atenção, mas Targ não podia conceber que o futuro da espécie fosse negligenciado. Quando sentia, como Manô, que era bruscamente invadido por aquela volúpia fugidia, sempre trazia à mente o grande sonho do Tempo, que guiara os ancestrais.

— Não posso deixar de pensar em nossos descendentes — respondeu.

E, estendendo a mão para o imenso deserto:

— Como seria bom se nosso reino ocupasse esses terríveis vazios! Vocês nunca pensaram que eles já foram mares, lagos, rios...? Que continham inúmeras plantas e, antes da era radioativa, florestas virgens? Ah, Manô! Florestas virgens...! E agora, seres obscuros devoram nosso antigo patrimônio...!

Manô deu de ombros:

— É um erro pensar assim, pois fora dos oásis a Terra é tão inóspita quanto Júpiter ou Saturno, se não mais.

Um rumor os interrompeu. As cabeças se ergueram, atentas: um novo bando de pássaros se aproximava. Anunciavam que, ao longe, à sombra das rochas, uma jovem desfalecida estava à

mercê dos ferromagnetos. E enquanto dois planadores se elevavam sobre o deserto, a multidão pensava nas estranhas criaturas magnéticas que se multiplicavam no planeta enquanto a humanidade declinava. Longos minutos se passaram; os planadores voltaram: um deles trazia um corpo inerte, em que todos reconheceram Elma, a Nômade. Era uma moça singular, órfã e pouco estimada, pois tinha instintos errantes e selvagens que desconcertavam seus semelhantes. Nada podia impedi-la, em certos dias, de fugir para a solidão do deserto...

Foi depositada sobre a plataforma do planetário. Seu rosto, semiculto por longos cabelos negros, estava lívido, salpicado de manchas escarlates.

— Está morta! — declarou Manô. — Os Outros beberam sua vida!

— Pobre Elma, tão pequena! — exclamou Targ, olhando para ela com pena.

A multidão, por mais passiva que fosse, rugiu de ódio pelos ferromagnetos. Mas os ressoadores, bradando frases impactantes, desviaram sua atenção:

OS SISMÓGRAFOS DETECTARAM UM TREMOR BRUSCO NA ZONA DAS TERRAS VERMELHAS...

— Ah, ah! — gritou a voz lamuriosa do homem atarracado.

Nenhum eco lhe respondeu. Todos se voltavam para o Grande Planetário. A multidão esperava, com trêmula paciência.

— Nada! — exclamou Manô, depois de dois minutos de espera. — Se o oásis Terras Vermelhas tivessem sido atingido, já saberíamos...

Um chamado estridente interrompeu-o. A cúpula do Grande Planetário bradou:

## IMENSO TREMOR... O OÁSIS INTEIRO CAIU... CATÁS...

Depois, sons confusos, impactos surdos... Silêncio...

Todos, hipnotizados, esperaram por mais de um minuto. Depois, a multidão arquejou; os menos emotivos se agitaram.

— Um grande desastre! — anunciou o velho Dane.

Ninguém duvidava. O Terras Vermelhas tinha dez planetários de grande alcance, que podiam ser dirigidos a todas as direções. Para que os dez se mantivessem calados, deviam ter sido derrubados. Ou a consternação dos habitantes era extraordinária.

Targ, orientando o transmissor, lançou um chamado prolongado. Nenhuma resposta. Um pesado horror recaiu sobre todos. Não a ardente perturbação dos homens de outrora, mas uma angústia lenta, cansada, estagnante. Laços estreitos uniam os oásis Fontes Altas e Terras Vermelhas. Havia cinco mil anos os dois mantinham relações ininterruptas, seja pelos ressoadores, seja por visitas frequentes, em planadores ou motrizes. Trinta postos de retransmissão, equipados de planetários, acompanhavam a via de 1700 quilômetros que interligava os dois povoados.

— Melhor esperar! — bradou Targ, debruçado no parapeito da plataforma. — Embora o pânico esteja impedindo nossos amigos de responder, eles não tardarão a recuperar o sangue-frio.

Mas ninguém acreditava que os homens do Terras Vermelhas fossem passíveis de pânico, seu temperamento era ainda menos emotivo que o do Fontes Altas: capazes de tristeza, eram incapazes de pavor.

Targ, lendo incredulidade em todos os rostos, continuou:

— Se os aparelhos tiverem sido destruídos, em menos de quinze minutos os mensageiros chegarão ao primeiro retransmissor.

— A não ser — objetou Helê — que os planadores tenham sido danificados... Quanto às motrizes, é improvável que consigam, por um bom tempo, passar por cima dos escombros.

Enquanto isso, o restante da população se dirigia para a zona meridional. Em poucos minutos, os planadores e as motrizes trouxeram milhares de homens e mulheres ao Grande Planetário. Um zum-zum se elevou, com longos suspiros entrecortados de silêncios. Os membros do Conselho dos Quinze, intérpretes das leis e juizes dos atos unânimes, se reuniram na plataforma. Todos reconheceram o rosto triangular e a rude cabeleira branca como sal da velha Bamar, e a cabeça amassada de Omal, seu marido, cujos setenta anos de vida não tinham conseguido esbranquiçar a barba vermelha. Eram feios mas veneráveis, e sua autoridade era grande porque tinham produzido uma descendência sem máculas.

Bamar, assegurando-se de que o Planetário estava bem orientado, enviou algumas ondas. Diante do silêncio do receptor, seu rosto ficou ainda mais sombrio.

— Até o momento, o oásis Devastação está salvo! — murmurou Omal. — E os sismógrafos não anunciam qualquer tremor em outras zonas humanas.

Subitamente, o som de um chamado estrilou e, enquanto a multidão se erguia, hipnotizada, ouviu-se o rugido do Grande Planetário:

DO PRIMEIRO RETRANSMISSOR DO TERRAS VERMELHAS. DOIS FORTES TREMORES ATINGIRAM O DÁSIS. O NÚMERO DE MORTOS E FERIDOS É CONSIDERÁVEL. AS COLHEITAS FORAM DESTRUÍDAS. AS ÁGUAS PARECEM AMEAÇADAS. PLANADORES PARTEM PARA O FONTES ALTAS...

Houve grande comoção. Homens, planadores e motrizes pareciam surgir aos borbotões. Uma excitação há séculos desconhecida sublevava as almas resignadas: piedade, medo e preocupação rejuvenesciam a multidão da Última Idade.

O Conselho dos Quinze deliberava, enquanto Targ, trêmulo, respondia à mensagem do Terras Vermelhas e anunciava a partida iminente de uma delegação.

Nas horas trágicas, os três oásis irmãos — Terras Vermelhas, Fontes Altas e Devastação — sempre se ajudavam. Omal, que tinha um perfeito conhecimento da tradição, declarou:

— Temos provisões para cinco anos. Um quarto pode ser solicitado pelo Terras Vermelhas... Se necessário, também teremos que receber dois mil refugiados, que, no entanto, só terão direito a rações reduzidas e não poderão se reproduzir. Teremos que diminuir nossas famílias, pois em menos de quinze anos a população precisará ter voltado ao número original...

O Conselho aprovou esse apelo às leis, depois Bamar gritou para a multidão:

— O Conselho nomeará os que devem partir para o oásis Terras Vermelhas. Nove representantes, no máximo. Outros serão enviados depois que conhecermos as necessidades de nossos irmãos.

— Eu gostaria de ir — suplicou Targ.

— Eu também! — acrescentou Arva rapidamente.

Os olhos de Manô faiscaram:

— Se o Conselho aceitar, também estarei entre os enviados.

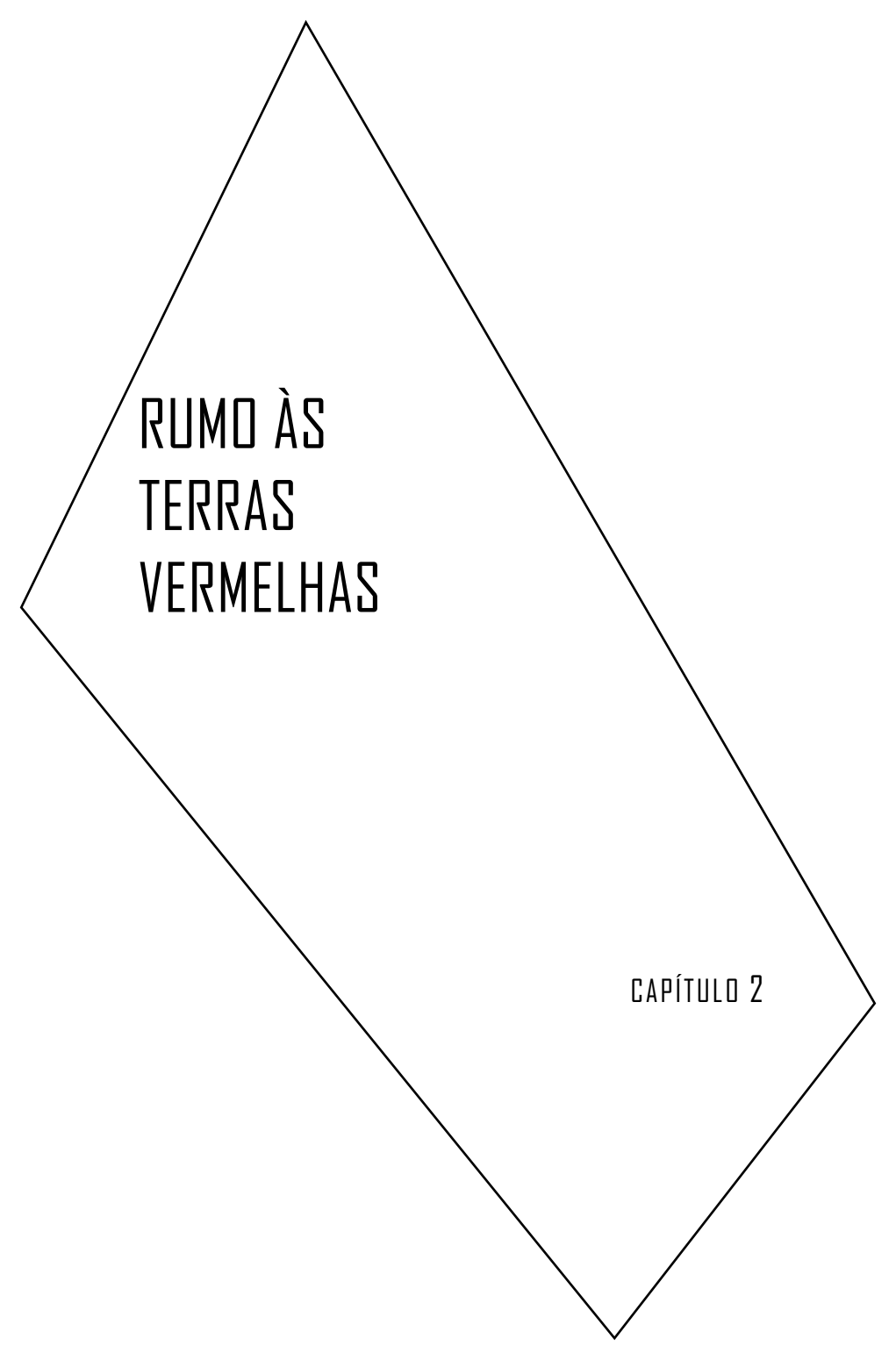
Omal encarou-os com simpatia. Antigamente, também tivera reações espontâneas, tão raras entre os Últimos Humanos.

A multidão aguardava pacientemente a decisão do Conselho, com exceção de Amat, um adolescente frágil. Submetidos às regras milenares, acostumados a uma vida monótona, perturbada apenas por meteoros, os habitantes dos oásis tinham

perdido o gosto da iniciativa. Resignados, pacientes, dotados de uma grande coragem passiva, nada os incitava à aventura. Os desertos enormes que os cercavam, vazios de recursos, pesavam sobre suas ações e sobre seus pensamentos.

— Nada se opõe à partida de Targ, Arva e Manô — disse a velha Bamar. — Mas o caminho será longo para Amat. Que o Conselho decida.

Enquanto o Conselho deliberava, Targ contemplava o horizonte sinistro. Uma dor pungente o invadia. O desastre do Terras Vermelhas pesava sobre ele mais do que sobre os outros — as esperanças deles se resumiam a que as derrocadas finais fossem lentas, ao passo que ele se obstinava em sonhar com felizes transformações. As circunstâncias, no entanto, amargamente confirmavam a tradição.



RUMO ÀS  
TERRAS  
VERMELHAS

CAPÍTULO 2



OS NOVE PLANADORES VOAVAM rumo ao Terras Vermelhas. Não se afastavam das duas estradas que, havia cem séculos, eram usadas pelas motrizes. Os antepassados tinham construído grandes refúgios de ferro virgem, com ressoadores planetários, e inúmeros postos de retransmissão, menos importantes. As duas estradas estavam bem conservadas. Como as motrizes raramente passavam por ali e suas rodas eram de fibra vegetal, muito elástica, e como, além disso, os homens dos dois oásis ainda sabiam fazer uso das enormes energias captadas pelos antepassados, a manutenção exigia mais vigilância do que trabalho. Os ferromagnetos pouco apareciam e faziam estragos insignificantes; um viajante poderia caminhar pelas estradas um dia inteiro sem sentir quase nenhuma influência nociva; mas não seria prudente fazer paradas muito demoradas ou, acima de tudo, pegar no sono: muitos, como Elma, tinham perdido todos os glóbulos vermelhos e morrido de anemia.

Os Nove não corriam perigo algum: cada um dirigia um planador leve que poderia transportar quatro homens. Mesmo que dois terços dos aparelhos sofressem um acidente, a expedição não seria comprometida.

Dotados de uma elasticidade quase perfeita, os planadores eram construídos para resistir aos choques mais bruscos e para enfrentar furacões.

Manô tomara a dianteira. Targ e Arva seguiam quase lado a lado. A agitação do rapaz não parava de crescer. E os principais acontecimentos da história das grandes catástrofes, fielmente transmitidos de geração em geração, se sucediam em sua mente.

Fazia quinhentos séculos que os homens não ocupavam mais que pequenas ilhas insignificantes no planeta. A sombra da decadência precedera de longe as catástrofes. Em épocas muito distantes, nos primeiros tempos da era radioativa, já se observava a diminuição das águas: muitos cientistas previam

que a humanidade morreria devido à seca. Mas que efeito essas previsões podiam ter sobre povos que viam montanhas cobertas de geleiras, inúmeros rios percorrendo as terras, mares imensos banhando os continentes? No entanto, as águas baixaram de maneira lenta e constante, absorvidas pela terra e volatilizadas para o firmamento<sup>1</sup>. Então vieram as grandes catástrofes propriamente ditas. Houve extraordinárias transformações do solo; às vezes, tremores de terra destruíam, num único dia, dez ou vinte cidades e centenas de aldeias: novas cadeias de montanhas se formavam, duas vezes mais altas do que os antigos maciços dos Alpes, dos Andes ou dos Himalaias; a água escasseava de século para século. Esses fenômenos se tornaram cada vez mais intensos. Na superfície do sol, algumas explosões, quase inexplicáveis, impactaram nosso pobre planeta. Houve um lamentável encadeamento de catástrofes: por um lado, as montanhas mais altas chegaram a 25 e 30 mil metros; por outro, imensas quantidades de água desapareceram.

Conta-se que, no início dessas revoluções siderais, a população humana havia chegado a 23 bilhões de indivíduos. Essa massa de gente tinha à sua disposição energias desmesuradas, retiradas dos protoátomos (como ainda é feito, embora imperfeitamente), e não se preocupava com a diminuição das águas, pois havia aperfeiçoado os artifícios do cultivo e da alimentação. Chegava mesmo a se gabar de que logo poderia viver de produtos orgânicos elaborados quimicamente. Esse velho sonho pareceu se realizar em vários momentos, mas cada vez mais estranhas doenças ou abruptas degenerescências dizimavam os grupos submetidos às experiências. Foi preciso voltar aos alimentos que vinham nutrindo o homem desde os primeiros

1. Nas regiões mais elevadas da atmosfera, o vapor era absolutamente decomposto pelos raios ultravioleta em oxigênio e hidrogênio: o hidrogênio escapava para o espaço interestelar. (N.A.)

tempos. Na verdade, esses alimentos passaram por metamorfoses sutis, tanto devido à criação de animais e à agricultura quanto às manipulações científicas. Rações reduzidas se tornaram suficientes para sustentar um homem, e os órgãos digestivos sofreram, em menos de cem séculos, uma redução notável, enquanto o aparelho respiratório cresceu na razão direta da rarefação da atmosfera.

Os últimos animais selvagens desapareceram; os animais comestíveis, comparados a seus ascendentes, pareciam verdadeiros zoófitos<sup>2</sup>, massas ovoides e horrendas, de membros transformados em cotos e mandíbulas atrofiadas pela alimentação forçada. Somente algumas espécies de pássaros escaparam à degradação e tiveram um maravilhoso desenvolvimento intelectual.

A doçura, a beleza e o encanto desses pássaros aumentavam a cada geração. Eles prestavam serviços inesperados, devido a seu instinto, mais delicado do que o de seus senhores, e esses serviços eram particularmente apreciados nos laboratórios.

Os homens dessa poderosa época tiveram uma vida árida. A poesia magnífica e misteriosa estava morta. Não havia mais vida selvagem, nem mesmo as antigas terras quase livres, que formavam os bosques, as charnecas, os pântanos, as estepes e as campinas da era radioativa. O suicídio acabou sendo a mais temível doença da espécie.

Em quinze milênios, a população terrestre diminuiu de 23 para 4 bilhões de almas; os mares, esparsos no fundo dos abismos, não ocupavam mais que um quarto da superfície; os grandes rios e os grandes lagos haviam desaparecido; as montanhas abundavam, imensas e fúnebres. O planeta selvagem voltava a aparecer — porém, desabitado!

A humanidade, enquanto isso, lutava loucamente. Gabara-se de poder viver sem água, de poder fabricá-la para uso doméstico

2. Zoófitos: seres do reino animal que, no entanto, se assemelham aos vegetais. (N.T.)

e agrícola quando necessário; mas os elementos de que necessitava se tornavam raros ou ficavam em profundidades que impossibilitavam sua exploração. Foi preciso adotar processos de conservação, com meios engenhosos para conter o escoamento das águas e obter o máximo desse fluido nutritivo.

Os animais domésticos pereceram, incapazes de se acostumar às novas condições de vida: em vão tentou-se restabelecer espécies mais rústicas; uma degradação de duzentos mil anos havia exaurido a energia evolutiva. Somente os pássaros e as plantas resistiram. As plantas voltaram a algumas formas ancestrais; os pássaros adaptaram-se ao meio: muitos, voltando à vida selvagem, construíram seus ninhos em alturas a que o homem não tinha acesso devido à rarefação do ar, que acompanhava a redução da água, ainda que em menor proporção. As aves viviam de depredações e tinham uma astúcia tão refinada que não era possível impedi-las de sobreviver. Quanto às que permaneceram junto aos antepassados, seu destino foi terrível. Tentou-se reduzi-las à condição de animais comestíveis. Mas sua consciência tornara-se lúcida demais; lutaram violentamente para escapar dessa sina. Houve cenas tão hediondas quanto nos tempos primitivos, quando o homem comia o homem ou quando povos inteiros eram escravizados. O horror penetrou as almas e, pouco a pouco, os homens cessaram de brutalizar seus companheiros de planeta e de tomá-los por alimento.

Além disso, os fenômenos sísmicos continuaram reconfigurando as terras e destruindo as cidades. Depois de trinta mil anos de luta, os ancestrais compreenderam que o mineral, subjugado ao longo de milhões de anos por plantas e animais, obteve uma revanche definitiva. Houve um período de desespero que reduziu a população a trezentos milhões de homens, enquanto os mares se resumiram a um décimo da superfície terrestre. Três ou quatro mil anos de trégua fizeram renascer

certo otimismo. A humanidade empreendeu prodigiosos trabalhos de preservação: a luta contra os pássaros cessou, os homens passaram a restringir suas condições de reprodução e obtiveram deles preciosos serviços.

Depois, as catástrofes recomeçaram. As terras habitáveis diminuíram ainda mais. E, há cerca de trinta mil anos, remodelações supremas limitaram a humanidade a alguns territórios espalhados pela superfície do planeta, que se tornou tão vasto e ameaçador quanto nas primeiras eras: fora dos oásis, era impossível encontrar a água necessária à vida.

Então sobreveio uma relativa calma. Embora a água fornecida pelos poços escavados nos abismos tivesse diminuído, a população tivesse se reduzido em um terço e dois oásis tivessem sido abandonados, a humanidade sobreviveu: sem dúvida sobreviveria por mais cinquenta ou cem mil anos... A indústria decrescia tremendamente. Das antigas energias do apogeu, o povo dos oásis utilizava uma ínfima parte. Os aparelhos de comunicação e os instrumentos de trabalho se tornaram menos complexos; há milênios se renunciara aos espiraloides que transportavam os antigos através do espaço com uma velocidade dez vezes superior à dos planadores.

As pessoas passaram a viver num estado de doce, triste e extrema passividade. O espírito de criação extinguiu-se, ou só se manteve, por temperamento, em alguns indivíduos. De seleção em seleção, a humanidade adquiriu uma vocação para a obediência automática, e, portanto, perfeita, às leis imutáveis. A paixão se tornou rara, o crime inexistente. Uma espécie de religião nasceu, sem culto e sem ritos: o medo e o respeito pelo mineral. Os Últimos Humanos atribuíram ao planeta uma vontade lenta e irresistível. A Terra, a princípio favorável aos reinos que dela nasciam, deixou que adquirissem um grande poder. Mas a força misteriosa que os condenava era a mesma que favorecia novos reinos.

Agora, as obscuras energias telúricas beneficiam o reino ferromagnético. Não se pode dizer que os ferromagnetos participaram da destruição dos homens; no máximo, auxiliaram na aniquilação, no fim das contas inevitável, dos pássaros selvagens. Ainda que seu surgimento date de uma época remota, esses novos seres pouco evoluíram. Seus movimentos são surpreendentemente lentos; os mais ágeis não conseguem percorrer dez metros por hora. As muralhas de ferro virgem dos oásis, cobertas por placas de bismuto<sup>3</sup>, são para eles um obstáculo intransponível. Para nos prejudicar, os ferromagnetos precisariam dar um salto evolutivo sem precedentes.

A existência do reino ferromagnético começou a ser notada durante o declínio da era radioativa. Formavam estranhas manchas violáceas sobre os ferros ditos humanos, isto é, sobre os ferros e os compostos de ferro modificados pelo uso industrial. O fenômeno só se manifestava em produtos que tinham sido utilizados várias vezes, manchas ferromagnéticas nunca foram descobertas em ferros selvagens.

O novo reino só nasceu graças ao ambiente humano, portanto. Esse fato capital preocupou muito os antepassados. Talvez o homem tenha vivido uma situação parecida em relação a reinos anteriores que, em seu declínio, permitiram a eclosão da vida protoplasmática.

Seja como for, a humanidade logo tomou conhecimento da existência dos ferromagnetos. Quando os cientistas descreveram suas manifestações rudimentares, não tiveram dúvida de que eram seres organizados, de composição singular, formada por uma única substância: o ferro. Quando outros elementos, em quantidade muito pequena, às vezes se misturam a essa

3. Bismuto: elemento químico de brilho iridescente, considerado o metal mais diamagnético (repelido na presença de campos magnéticos fortes) e o que menos conduz corrente elétrica. (N.T.)

substância básica, fazem-no na condição de impurezas, nocivas ao desenvolvimento ferromagnético; o organismo se livra delas, a menos que esteja muito fraco ou sofra de alguma doença misteriosa. A estrutura do ferro no estado vivo é muito variada: ferro fibroso, ferro granulado, ferro mole, ferro duro etc. O conjunto dessas estruturas tem plasticidade e não contém nenhum líquido. Mas o que mais caracteriza os novos organismos é a extrema complexidade e a instabilidade constante do estado magnético. Essa instabilidade e essa complexidade são tão pronunciadas que os pesquisadores mais persistentes precisaram desistir de atribuir-lhes regras, e muito menos leis. Ao que tudo indica, essa deve ser a manifestação dominante da vida ferromagnética. Quando uma consciência superior se manifestar nesse novo reino, será um reflexo desse estranho fenômeno, ou melhor, de seu desenvolvimento. Por enquanto, se os ferromagnetos tiverem algum tipo de consciência, esta ainda é rudimentar. Eles estão no período em que o propósito da multiplicação domina todos os outros. No entanto, já sofreram algumas mutações importantes. Os escritores da época radioativa mostraram que cada indivíduo era composto por três grupos, cada um com características definidas, de forma helicoidal. Eles não podiam, naquela época, percorrer mais de cinco ou seis centímetros a cada 24 horas; quando suas aglomerações eram corrompidas, levavam várias semanas para se refazer. Agora, chegam a percorrer dois metros por hora. Além disso, comportam aglomerações de três, cinco, sete e até nove grupos, e a forma dos grupos alcança grande variedade. Um grupo composto por um número considerável de corpúsculos ferromagnéticos não pode subsistir sozinho: precisa ser completado por dois, quatro, seis ou oito grupos. Uma série de grupos comporta, evidentemente, séries energéticas — sem que seja possível dizer quais. A partir da aglomeração por sete, o ferromagneto morre se um dos grupos for suprimido.

Em contrapartida, uma série ternária pode se refazer com a ajuda de um grupo, e uma série quinquenária com a ajuda de três grupos. A reconstituição de uma série mutilada se assemelha à gênese dos ferromagnetos; essa gênese tem um caráter profundamente enigmático para o homem. Ela ocorre a distância. Quando um ferromagneto nasce, constata-se invariavelmente a presença de vários outros ferromagnetos. Dependendo da espécie, a formação de um indivíduo leva de seis horas a dez dias; ela parece dever-se exclusivamente a fenômenos de indução. A reconstituição de um ferromagneto lesado acontece por meio de procedimentos análogos.

Atualmente, a presença dos ferromagnetos é quase inofensiva. Isso deixaria de acontecer caso a humanidade se propagasse.

Embora quisessem combater os ferromagnetos, os ancestrais também buscavam uma maneira de fazer com que a atividade desses seres fosse utilizada em proveito de nossa espécie. Nada parecia se opor, por exemplo, a que a substância dos ferromagnetos servisse para fins industriais. Para isso, bastaria proteger as máquinas (o que parece ter sido realizado sem muita dificuldade) de uma maneira semelhante à utilizada para preservar os oásis... Essa solução, aparentemente refinada, foi testada. Os antigos registros históricos revelam que deu errado. O ferro transformado pela nova vida se mostrou refratário ao uso humano. Sua estrutura e seu magnetismo, tão variados, fazem dele uma substância que não se presta a nenhum tipo de combinação e de trabalho orientado: sua estrutura parece se uniformizar e seu magnetismo parece desaparecer ao aproximar-se da temperatura de fusão (e, mais ainda, durante a própria fusão), mas quando o metal volta a esfriar, as propriedades nocivas reaparecem.

Além disso, o homem não pode ficar por muito tempo em

regiões de forte presença ferromagnética: em poucas horas, torna-se anêmico. Depois de um dia e uma noite, vê-se num estado de extrema fraqueza. Não tarda a desmaiar; se não é socorrido, sucumbe.

A razão imediata desses fatos não é ignorada: a proximidade dos ferromagnetos tende a absorver glóbulos vermelhos. Esses glóbulos, quase reduzidos ao estado de hemoglobina pura, acumulam-se na superfície da epiderme e são, a seguir, atraídos pelos ferromagnetos, que os decompõem e parecem absorvê-los.

Diversas causas podem contrabalançar ou retardar esse fenômeno. Basta caminhar para não haver nada a temer; melhor ainda, basta circular em uma motriz. Com uma roupa de bismuto, pode-se enfrentar a influência da anemia por ao menos dois dias; ela enfraquece quando a pessoa se deita com a cabeça para o norte e atenua-se espontaneamente quando o sol está perto do horizonte.

Quando o número de ferromagnetos diminui, o fenômeno se torna menos intenso; em certo momento, ele se anula, pois o organismo humano não o deixa agir sem opor-lhe resistência. A ação ferromagnética fica menor quanto maior é a distância e torna-se insensível a mais de dez metros.

Compreende-se que o desaparecimento dos ferromagnetos tenha parecido necessário a nossos antepassados. A luta foi empreendida com método. À época, no início das grandes catástrofes, essa luta exigiu pesados sacrifícios. Uma seleção havia ocorrido entre os ferromagnetos e foi preciso fazer uso de imensas energias para refrear sua reprodução.

Os remanejamentos planetários que se seguiram trouxeram vantagens ao novo reino; em contrapartida, sua presença tornou-se menos preocupante, pois a quantidade de metal necessária para a indústria decrescia periodicamente e as desordens sísmicas faziam aflorar, em grandes quantidades, minerais de

ferro nativo, inacessíveis aos invasores. Assim, a luta contra eles diminuiu a ponto de se tornar desprezível. De que importava o perigo orgânico diante do imenso perigo sideral?

Hoje, os ferromagnetos não preocupam os homens. Com suas muralhas de hematita vermelha, limonita e ferro espático<sup>4</sup>, revestidas de bismuto, eles se consideram intocáveis. No entanto, se alguma improvável revolução trouxesse a água de volta à superfície, o novo reino ferromagnético oporia obstáculos incalculáveis a um desenvolvimento humano significativo.

Targ lançou um demorado olhar para a planície: em toda parte, via a cor violácea e as formas onduladas típicas dos conglomerados ferromagnéticos.

— Sim... — murmurou —, se a humanidade recuperasse certa envergadura, seria preciso retomar o trabalho dos antepassados. Seria preciso destruir o inimigo ou utilizá-lo. Temo que sua destruição seja impossível: o novo reino carrega em si elementos de sucesso que desafiam as previsões e as energias do velho reino. Mas por que não encontrar uma maneira de fazer com que os dois reinos coexistam e se entremudem? Sim, por quê? Afinal, o mundo ferromagnético se originou de nossa indústria. Este não seria o indício de uma profunda compatibilidade?

Depois, erguendo os olhos para os grandes picos do Ocidente:

— Infelizmente, meus sonhos são ridículos! Mesmo assim... mesmo assim! Não são o que me ajudam a viver? Não são o que me trazem um pouco da jovem felicidade que sumiu para sempre da alma dos homens?

Ele se endireitou, com uma pequena dor no coração: ao longe, entre os vales do Monte das Sombras, acabava de avistar três grandes planadores brancos.

4. Hematita, limonita e ferro espático: minérios com alto teor de ferro (rochas a partir das quais se pode obter ferro metálico), muito utilizados em siderurgia. (N.T.)